

O impacto global da pandemia: a humanidade diante de uma bifurcação social

Valcionir Corrêa

Professor e Doutor em Sociologia Política

Florianópolis, SC – Março, 2020

profdrcorreia@gmail.com

1. A pandemia provocada pelo novo coronavírus (Covid-19) que acomete, atualmente, milhões de pessoas no mundo com altos índices de óbitos, inclusive no Brasil, *se destaca por ser a primeira vez na história que uma enfermidade como essa atinge rapidamente e, em escala global, parcelas populacionais expressivas em todas as nações*. A rapidez do seu contágio e o seu elevado grau de adoecimento e letalidade, que extermina a vida de inúmeros indivíduos mundialmente, sem paralelo na história, impressionam e deixam perplexos especialistas da área, populações e governos e instituições mundiais. Por consequência, a virulência e a extensão dessa pandemia *disparam o sinal de alerta* de que os limites do capitalismo foram acionados por atingir, não apenas parcelas da população nacional e de classe, como demonstra seu histórico de expansão econômica, mas, sim, toda a humanidade. Ao impactar globalmente e por em xeque a própria existência humana, o *Império do Capital* anuncia o início do fim de sua era, a começar pela sua ideologia de consentimento social dissimulado, de que é a *única economia política possível ao revelar, com sua expansão total, a sua incompatibilidade com a humanidade*. Sabe-se que, a partir desse alerta, a humanidade, no seu conjunto (trabalhadores, capitalistas e governantes), não será mais a mesma, continuará sua trajetória para o mal ou para o bem, de acordo com as decisões que tomará. Diante dessa calamidade de grandes proporções geopolíticas, decorrentes de causas endógenas, autoridades e governantes nacionais e mundiais se viram obrigados, pela primeira vez na história também, a suspenderem as atividades produtivas impondo à população o isolamento social como alternativa mais eficiente para conter a velocidade da disseminação da Covid-19, assim, comprometendo imediatamente a produção e os negócios capitalistas e, respectivamente, contrariando as indignadas manifestações das elites escravocratas, que sempre viveram à custa do trabalho alheio, e que pedem a volta ao trabalho.

2. As evidências científicas, sistematizadas pelo estudo desta pandemia provocada pela Covid-19, de natureza biológica, porém de causa social, indicam que o seu grau de contaminação e de resistência aos tratamentos convencionais são efeitos da sua *mutação acelerada impulsionada pela poluição ambiental e o consequente aquecimento global provocados por esse modo de produção capitalista, caracterizando-se como uma falha metabólica observada por Karl Marx*. Consequentemente, dificulta o necessário tempo para descobertas de tratamentos

eficazes e de vacinas capazes de conterem o contágio pelo novo coronavírus. - Uma observação! Essa tese, comprovada cientificamente, não é ideologicamente acatada pelos capitalistas e seus defensores por denunciar os efeitos destrutivos do modelo de produção econômica que eles defendem e se beneficiam-. Além disso, devem-se observar, como variáveis importantes na análise desse processo de mutação do vírus, os efeitos causados pela transgenia utilizada no cultivo agrícola e na produção de proteína animal, bem como o uso indiscriminado de fertilizantes químicos e agrotóxicos na agricultura. Tendo como causa a degradação ambiental, hoje, ainda mais acelerada, é importante lembrar-se, igualmente à mutação da Covid-19, também, ocorre com outros vírus conhecidos que causam epidemias em nosso e em outros países, como é o caso do ressurgimento da febre amarela, A1N1 (influenza), dengue e zika virus. Destaca-se, também, as superbactérias que adquiriram resistência aos antibióticos diante do método alopático utilizado e que provocam contaminação hospitalar e infecção generalizada em muitos pacientes, sendo que a medicina enfrenta dificuldades para eliminá-las. Entretanto, deve-se lembrar de que, infelizmente, essa pandemia não será a primeira com essas dimensões e não será a única se permanecer essa lógica da produção para o lucro, como também não se trata de um fenômeno social isolado por circunscrever-se no contexto de destruição ambiental e social em curso.

3. O uso de máscara para tentar diminuir o contágio desse vírus se torna um novo acessório necessário para continuarmos tendo o direito de se conviver na cidade, mas se prosseguirmos nesse modelo socioeconômico, *logo o encapsulamento individual será indispensável como água para manter-nos vivos*, em um ambiente natural e social altamente contaminado evidenciado por esta experiência atual. Portanto, a especificidade desta pandemia, o sinal de alerta que ela aciona sobre suas nefastas consequências para a coletividade humana e a sua visibilidade, que projeta amplamente, indicam que a recorrência e frequência de pandemias possivelmente serão regulares no percurso das conexões e intercâmbios intensificados pelo comércio mundial favorecido pela globalização econômica. Assim sendo, *essa dimensão pandêmica do novo coronavírus, e de outros seus aspectos, deixa transparecer à sociedade os antagonismos e contradições sociais do sistema capitalista, intrínsecos e acobertados desde sua origem, mas que, com sua expansão total, eles se revelam nesse impacto global com a humanidade a ponto de por sua sobrevivência em xeque*. Portanto, essas constatações tornam *a pandemia da Covid-19 emblemática por ter correspondência imediata com essa agudização das contradições sociais de classe* decorrente dessa evolução total do capitalismo nacional e mundialmente, ao mesmo tempo em que seus efeitos catastróficos acometem, ainda mais, o lado mais fraco dessa relação de produção social existente que são os trabalhadores (empregados assalariados, subempregados e desempregados). Estes, na sua maioria, padecem na miséria social, e os que forem infectados pelo vírus terão maiores dificuldades de acesso ao tratamento, se levarmos em conta as suas condições socioeconômicas.

4. Há muito tempo se sabe, portanto, não é novidade, de que o *capitalismo é um sociometabolismo pandêmico*. Estudos comprovam que esse sistema socioeconômico de produção, que é a base delineadora da Modernidade e, até hoje, modela a civilização capitalista, é *causador de diversas pandemias que se ampliam, que se avolumam e que coexistem assolando multidões de indivíduos em diversos países do mundo* sem que governantes nacionais e autoridades de instituições multilaterais se sensibilizem e deem a devida atenção. *A principal delas é a conhecida e permanente desigualdade social decorrente da exploração do trabalho por aqueles que detêm os meios privados de produção e a consequente degradação ambiental causada por esse específico modo de produzir*. Esse modo de produção, defendido pelo liberalismo econômico e político, prioriza as demandas do mercado primando pela lucratividade do capital em detrimento do atendimento das reais necessidades da sociedade. Sendo assim, nessa trajetória secular do comportamento econômico liberal-burguês desencadeia episódios trágicos na historicidade humana, como as recorrentes pandemias de infortúnios sociais que causam inúmeras mortes, acidentes de trabalho, subnutrição e fome por não dar acesso à vida digna à maioria da população, lançando os verdadeiros produtores sociais, que são os trabalhadores, na condição de vulnerabilidade social sujeitos, hoje, ao maior contágio pela Covid-19. Como demonstra sua trajetória história, o capitalismo nunca respeitará a todos o fato simples e inquestionável de acesso à boa alimentação saudável, à água potável, à moradia, ao saneamento básico, à saúde, à educação e à liberdade de expressão que são condições mínimas para garantir a sobrevivência humana baseadas no que deveria ser o inviolável princípio do direito humano universal, direitos esses basilares do que vem se convencendo de dignidade humana.

5. Segundo a medicina, pandemia é uma “enfermidade epidêmica amplamente disseminada”. Com esse conceito, além da desigualdade social que é estrutural, podemos também *caracterizar e de lembrá-los de outras diversas pandemias que o capitalismo vem causando à humanidade*. Dentre elas, a pandemia de cânceres em níveis ascendentes, que é uma das maiores causas de adoecimento e mortes no mundo atualmente, decorrente do envenenamento da alimentação humana pelo uso de agrotóxicos, fertilizantes químicos e transgenias agrícolas e na produção de proteína animal. Outras doenças como as diabetes, hipertensão e alergias de todos os tipos, também, provocadas e associadas ao consumo de alimentos e bebidas industrializadas que contêm conservantes, gorduras trans e o uso abusivo de sódio e açúcar refinado. Além dessas doenças, há os transtornos mentais e comportamentais também daí decorrentes e do modo de se viver diante dos compromissos, rotinas, exaustão, assédios e insatisfações no ambiente de trabalho. Esse conjunto de enfermidades configura outra pandemia que é a da medicalização social. Uso abusivo de medicamentos produzidos e propagandeados pelas indústrias farmacêuticas vem viciando e controlando as emoções e sentimentos dos indivíduos de forma lícita legalizada pelo Estado. Outra pandemia que avança nos interstícios do tecido social da civilização capitalista são as drogas lícitas (ex. alcoolismo) e ilícitas. A promessa de felicidade e liberdade pelo ideal burguês, que não se realiza, leva indivíduos ao uso e

abuso dessas drogas que se tornaram, na realidade, um problema de saúde pública que acomete grandes contingentes populacionais, com maior prejuízo para parcelas em condição histórica de vulnerabilização e exclusão social. O comércio dessas drogas se tornou fonte de renda e de enriquecimento para os carteis do tráfico e, atrelada a esses, a violência social que envolve toda a cadeia produtiva inclusive representantes nas institucionalidades existentes.

6. O *ethos* da concorrência dos negócios comerciais, que dinamiza o modelo de produção, se torna também o da civilização capitalista nos seus hábitos e costumes fundamentais, valores, ideias e crenças que são internalizados pelos indivíduos formando suas personalidades. Esse conjunto de experiências, práticas e princípios dos negócios estabelece o padrão civilizatório do Capital que influencia o comportamento dos indivíduos da civilização ocidental, com a expansão total do sistema capitalista, também padroniza o lado oriental formatando a cultura humana contemporânea e universal. Dessa forma, as experiências humanas, decorrentes do modo de ser da gestão capitalista, induzem os indivíduos a incorporarem, na constituição de suas próprias personalidades, essas mesmas práticas como uma ascese, e o individualismo se torna, então, *um comportamento forjado pelas relações econômicas fazendo com que os indivíduos atomizados, bastados em si mesmos, alienados do contexto social em que vivem, cheguem, atualmente, a pensar e agir como se fossem a sua própria instituição (posso denunciar aqui a mistificação com a institucionalização do indivíduo e do mercado)*. Soma-se a isso, a ideologia do empreendedorismo amplamente difundida pelas políticas governamentais e pela pedagogia das competências que impregna escolas e universidades, bem como agências de empregos e administradores empresariais. Esse modelo vendido, como se fosse o ideal de felicidade, influencia os indivíduos a internalizarem o êxito e o fracasso econômico como se dependessem deles mesmos e não das relações sociais de produção vigentes e a que estão submetidos. Os riscos de sua pejetização, apontada como saída para sobreviver sem o emprego formal, dá a falsa sensação de que os indivíduos atuam no mercado com liberdade e autonomia sem perceberem que são extremamente administrados pelos interesses dos negócios capitalistas. Com isso, conduz *a outra pandemia, a da alienação social*. Esses indivíduos atomizados pouco se importam com a coletividade em que estão inseridos. Lutar por saúde e educação pública, para uma parcela significativa deles, não é necessária, pois ter condições financeiras de pagar mensalidades escolares e planos de saúde privados, por exemplo, são indicadores de que esses indivíduos se sentem bem sucedidos no mercado. Os demais, que não conseguem, aceitam passivamente sua condição de fracassados. Isso é desesperador!

7. Outra pandemia que se destaca é a que causa *irracionalidade da racionalidade* acadêmica, científica, tecnológica, industrial e econômica por força da fragmentação do conhecimento exigido pela mediação da necessidade artificialmente administrada para a produção de mercadorias fúteis e inúteis exigidas pelas rápidas demandas do mercado. Perde-se, com isso, a dimensão da totalidade

do universo material como fonte do trabalho humano necessário ao uso racional dos recursos e da preservação da natureza. Com essa atitude, os seres humanos se distanciam e se relacionam com a natureza como uma externalidade que pode ser explorada e destruída, motivando o descaso, o descuido e a poluição do meio ambiente que favorecem a evolução de vírus fatais à humanidade, como novo coronavírus e outras pandemias que enfrentamos na atualidade. Essa desvalorização da natureza também é constituinte desse *ethos* social que forja a civilização capitalista depredadora, com uma consciência social alienada, a qual perde de vista a permanente e necessária indissociabilidade entre sociedade e natureza, essa relação dialética entre subjetividade e objetividade, que é o substrato material e eterno da atividade criadora mediada pelo trabalho humano. A hegemonia da tradição positivista e as metodologias fenomenológicas e sistêmicas utilizadas nas universidades, e em outras instituições acadêmicas e de pesquisa, que atuam por meio de *recortes* nos projetos de pesquisa contribuem para essa escalada da fragmentação do conhecimento. Como se presencia no momento presente, a medicina, como exemplo, apesar de muitos avanços, apresenta dificuldades em diagnosticar causas e disponibilizar tratamentos de enfermidades advindas desse contexto de destruição da natureza pelo modo de estar e de agir, de forma fragmentada, nos processos de estudos e de produção científica.

8. Com a pandemia da desigualdade social que aumenta no Brasil e no mundo, parcelas humanas que ocupam as grandes periferias com alta densidade demográfica em favelas, que contornam as cidades, não tem força de representação política para levar ao centro de decisões suas reivindicações básicas, como acesso à terra, alimentação, moradia, saneamento, saúde e educação essas são vítimas da lógica de exclusão social do acesso aos bens e riquezas produzidas. Os índices de assassinatos de jovens nas periferias, por exemplo, chegam a superar os índices de mortes provocados por guerras, e os presídios se tornam indicadores de que os pobres e os negros são alvo da política focal de extermínio do poder do Estado de classe que não faz a devida redistribuição socioeconômica para toda a sociedade. Assim sendo, a pandemia da desigualdade social, que durante a ascensão história desse sistema econômico, era mais visível nos países que sofreram da acumulação original do capital, por meio da colonização, atualmente, atinge com mazelas sociais, também, grandes contingentes populacionais nos países europeus e norte-americanos. Com sua ascensão total, o capitalismo amplia a exploração de classe por meio do desemprego, da terceirização, da informalidade dos postos de trabalho e dos baixos salários, basta olharmos o crescente número de moradores de rua que atinge diversos centros urbanos. Portanto, quanto mais o sistema capitalista evolui e se amplia, mais miséria ele produz em escala mundial e o bem estar social para todos se torna uma utopia irrealizável, ou seja, uma distopia onde uma pequena parcela (10%) se apodera da maioria das riquezas sociais e a maioria (90%) padecem na miséria devido aos imperativos que se movem pela interconexão da acumulação e centralização das riquezas socialmente produzidas. Restando, aos trabalhadores, desamparados pelo Estado, decidirem entre duas alternativas, morrer contaminado

pela Covid-19 ou de fome, como sugere o feitor a serviço da ordem capitalista, que se diz estar no comando da nação.

9. *O novo coronavírus denuncia, ao mundo, a impossibilidade da realização da civilização humana baseada nos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade que outrora a revolução burguesa defendeu.* Seu progresso econômico exigido, a todo custo, por empresários, acionistas, banqueiros e políticos (classe capitalista) não se transforma em progresso humano, bem pelo contrário, se transforma na decadência e aniquilamento da humanidade como estamos experienciando neste momento. No transcorrer da histórica produção capitalista, inúmeras doenças e mortes advêm do trabalho forçado (escravidão) e do trabalho “livre”, bem como exaustão e assédios, se transformando numa pandemia que assola principalmente a classe trabalhadora, que é de onde é extraída a valorização do capital (mais-valor). *Portanto, podemos constatar que o novo coronavírus é portador de um aviso, ao denunciar ao mundo que o modo de produção capitalista e seus efeitos destruidores não é somente ameaça, mas, de fato, faz extinção real de grandes parcelas populacionais.* E, no momento atual, a humanidade se torna mais vulnerável ainda a diversas pandemias causadas pela globalização econômica do Sistema que pôs, sob sua administração, todas as nações do mundo com sua dinâmica da acumulação do lucro através da exploração humana e degradação ambiental. Agora, não só mais atinge um país, ou uma região, mas seus *antagonismos sociais atingem, de forma implacável, inexorável e pandêmica, toda a humanidade!*

10. Além dessas pandemias decorrentes diretamente da produção econômica vigente e que gera desigualdade socioeconômica, há outras que se sublevam por meio de padrões comportamentais de inúmeros indivíduos e segmentos com forte apelo ideológico de classe e religioso constituindo, assim, a dimensão cultural por meio de uma pandemia de preconceitos, difundida pelas forças conservadoras da sociedade, que tentam naturalizá-los e/ou divinizá-los. A desigualdade econômica se torna tristemente base para as desigualdades sociais, culturais, civis, políticas, educacionais, tecnológicas e outras tantas que vivenciamos cotidianamente. Por sua vez, esse conjunto de desigualdades entre classes sociais se tornam maneiras que o poderio econômico se apropria para difundir e estimular preconceitos de todos os tipos para continuar a dominância política com seu poder hegemônico sobre toda a sociedade. Nesse processo, a civilização brasileira é sua expressão no que tem de bom e de ruim constituindo os padrões comportamentais de civilidade resultante da sua trajetória histórica e confrontam os direitos sociais e políticos dos indivíduos que compõem a civilização contemporânea. Decorrente do colonialismo e exercício de poder por estruturas oligárquicas, o indivíduo de posse se acha o mandão (chefe da família) e defensor da política tradicional e do seu poder numa coexistência antagônica de dois exercícios do poder entre a política tradicional e os direitos de cidadania civilizacional da democracia moderna baseado nos princípios do Estado Democrático de Direitos e que deveriam extinguir esse poder do homem sobre a mulher. Considerando a mulher como propriedade privada, também, de tudo, o

poder masculino oligárquico adquire tal domínio sobre a população do território e impede os demais de exercer livremente a política e outras atividades. Este domínio do privado decorrente do patriarcalismo que manda na mulher e nos filhos, por meio da tradição estratificada, colonial e patrimonialista transforma todos em propriedade privada do senhor. Essa cultura secular no Brasil é uma das fontes do poder masculino sobre o feminino, elementos muito presentes no comportamento da elite brasileira: oligarquia, patrimonialismo, patriarcalismo, machismo, mandonismo, coronelismo, personalismo, etc. Disso decorrem relações hierarquizadas intra e interclasses sociais e de gênero no contexto da sociabilidade humana que faz do Brasil o país com maiores índices mundiais de violência contra a mulher e de preconceito inter-racial, que são vítimas negros e índios. Portanto, esses caracteres da cultura predominante são resultados dessa forma de estar a sociedade, e a propriedade privada, como princípio basilar do liberalismo econômico e político burguês, constituem-se nessa cultura que presenciamos de violência de gênero e doméstica pelo fato de o homem se achar proprietário dos bens materiais e, conseqüentemente, da mulher, estabelecendo assim relações conjugais hierarquizadas e conflituosas e relações trabalhistas autoritárias entre classes sociais. Essa cultura violenta é estimulada pelo poder econômico e político de dominação de classe e de gênero e, também, é fortemente difundida pelos preceitos bíblicos criacionistas de diversas religiões monoteístas, que erroneamente põe a mulher numa posição social hierarquicamente inferior em relação ao homem. Essa cultura religiosa é também utilizada por interesses do poder eclesial que contribui para aprofundar a diferença sexual como desigual e a violência de gênero contra as mulheres se torna mais difícil de ser combatida pela internalização subjetiva de ambos os sexos, como se fosse verdade e a obediência feminina se torna razão da boa convivência familiar e é difundida por padres e pastores como se fosse um ordenamento do divino. Esse preconceito contra as mulheres, difundido e amparado pelo poder econômico, masculino e misógino, bem como pelo poder eclesial precisa ser urgentemente combatido para incentivarmos relações harmoniosas e condizentes com uma sociedade que precisa se elevar aos padrões civilizatórios da igualdade de gênero para melhor convívio social. A ideologia capitalista que é a base do processo civilizacional, desde sua gênese, estimula a hierarquização de classes e de parcelas da sociedade associando variáveis como determinações resultando numa outra pandemia a de preconceitos culturais de várias matrizes: gênero, raça, geracional, sexual, religiosa, classe, etnia, etc. No Brasil, como atualmente presenciamos, esses preconceitos foram altamente estimulados pelo capitão do mato que está no poder e cotidianamente as minorias sofrem com essas altas doses de padrões comportamentais preconceituosos destoantes, se compararmos aos avanços do processo civilizacional de outros países. Há urgência no combate social a esses preconceitos e às intolerâncias que levam à misoginia e com isso à violência doméstica que vitimizam, principalmente as mulheres, resultando em inúmeros feminicídios, bem como a violência contra crianças, adolescentes, idosos e a população LGBTQIA+ que aumentam diariamente no Brasil. Essas pandemias de preconceitos que moldam os padrões comportamentais constituem um *ethos* cultural

resultante em preconceitos estruturais que marcam profundamente a cultura brasileira tendo em vista sua trajetória histórico-colonial de classe, autoritária e autocrática constituindo uma elite altamente preconceituosa: preconceito cultural e racial (xenofóbica, etnocentrista, principalmente, contra negros e índios, supremacista branco como “O Sul é o meu país!”); preconceito de gênero (machista, homofobia, transfobia, sexista e misoginia); e preconceito social (expropriadora e acumuladora, patrimonialista, patriarcal, mandonista, aversão a pobres). Por isso é importante o movimento social LGBTQIA+, bem como o apoio a ele para combater esses preconceitos e exigir políticas públicas de inclusão das pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

11. Com esse conjunto de pandemias de causas antrópicas e sociais, sob a administração capitalista, o seu processo produtivo, baseado na exploração dos trabalhadores e na degradação da natureza, entra em *sua fase mais cruel que se define de produção destrutiva provocada pela crise estrutural do capital. Essa crise resulta da sua expansão total, da sua lei tendencial da superprodução e o subconsumo e associada à lei da taxa de utilização decrescente do trabalho presente (mais-valia) em relação ao trabalho passado, que são as tecnologias* (Karl Marx). O fato de o sistema capitalista atingir sua total expansão geográfica, com a conhecida globalização econômica, ou seja, seu *imperativo da expansão*, ele não mais podendo se expandir geograficamente, mas somente nos espaços econômicos, intensifica a exploração com uma nova pragmática econômica e política do seu *imperativo da acumulação* denominado de *neoliberalismo* (István Mészáros). Com isso, ele continua sua expansão econômica dominando setores da sociedade civil, até então, antes não explorados pelo capital. O programa desse novo modelo de acumulação, conceituado de *neoliberalismo*, foi organizado pelo departamento de economia da Escola de Chicago (EUA).

12. A agenda do capitalismo neoliberal tem como base a reestruturação produtiva do tipo toyotista, que desemprega, terceiriza e retira proteção social do trabalho com a imediata retirada dos direitos sociais e trabalhistas (Estado mínimo para a população e máximo para o capital), como ponto fulcral para manter e aumentar a lucratividade dos capitalistas. A implantação da agenda neoliberal de austeridade econômica foi incorporada pelo famoso Consenso de Washington (1989), que, desde então, vem estabelecendo diretrizes macroeconômicas e impondo sua implantação aos governos dos países da América Latina como condição de obtenção de financiamentos do FMI (Fundo Monetário Internacional) e BM (Banco Mundial), assim, ampliando a hegemonia estadunidense nas Américas. Logo, em seguida, na Europa, para impor sua visão de mundo por meio das exigências econômicas e interferindo nas soberanias nacionais. Normalmente, para implementar essa agenda antissocial, os seus defensores utilizaram-se de golpes usando tanques de guerra, como ocorreu no Chile, em 1973, e em diversos países latino-americanos para implantar ditaduras. Nessa ofensiva, assassinaram o então presidente popular eleito, Salvador Allende, e a elite capitalista daquele país, articulada com as forças armadas,

instituiu uma sanguinária ditadura civil-militar. Desta forma, o Chile foi o primeiro país a ser implantado o neoliberalismo e aquela população sofre suas consequências até os dias atuais.

13. No Brasil, esse mesmo modelo de golpe civil-militar ocorreu em 1964 e a ditadura durou até 1985. Mas, outro golpe vinha a caminho! O Golpe de 2016 *tratou-se de um novo tipo conhecido como Lawfare*, que são manobras jurídicas anticonstitucionais que *prevalece a parcialidade da convicção do juiz sobre o comprovado a serviço da classe capitalista*, para perseguir lideranças políticas mais sensíveis às causas populares. Esse Golpe de Estado foi adotado para o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, eleita majoritariamente pelos trabalhadores, e na aviltante perseguição ao ex-presidente Lula para que não fosse eleito novamente presidente da República nas eleições de 2018 - na ocasião, pesquisas eleitorais indicavam sua vitória no primeiro turno. Essa artimanha golpista faz parte do que hoje vem sendo conhecida de *guerra híbrida*, muito utilizada e incentivada pelos governos dos EUA sob o domínio do capital financeiro, para manterem seu poderio político e econômico no mundo. Com o golpe do *tipo Lawfare*, o Poder Judiciário assumiu o protagonismo político da perseguição que outrora as forças armadas exerceram a serviço da ordem. Esse golpe aconteceu pelo fato das elites capitalistas e seus representantes políticos estarem inconformados com a derrota eleitoral de 2014, e a implementação da agenda neoliberal tinha pressa. Como as elites brasileiras sempre foram avessas à democracia, é patrimonialista e expropriadora, o golpismo e a cultura escravocrata e provinciana fazem parte do seu comportamento político. Sempre agindo assim, como foi no Golpe de 2016, em seguida, nas eleições de 2018, mais uma vez elas foram vitoriosas, oportunizado pela prática do *lawfare* e pela *ofensiva campanha da mídia corporativa no combate aos candidatos representantes da classe trabalhadora*. Dessa maneira, conseguiram eleger o *capitão do mato para administrar a feitoria brasileira* de acordo com seus interesses e alinhando-se a sua contumaz subserviência a serviço da metrópole norte-americana.

14. Como todos se lembram, logo após o golpe, imediatamente as reformas antissociais foram aprovadas com urgência, numa força tarefa impressionante entre os três poderes artificialmente divididos (executivo, legislativo e judiciário), porque, na realidade, esses poderes são uníssomos com o poder econômico. Estabeleceu-se limite para gastos sociais, conforme a austeridade econômica exigida pelo Consenso de Washington, permitiu-se, com a reforma trabalhista, que os empresários pudessem se eximir de boa parte de suas obrigações de proteção do trabalho, fragilizaram os trabalhadores com menos direitos trabalhistas com a substituição do *ordenamento jurídico do negociado sobre o legislado*, e a reforma previdenciária retirando mais direitos, bem como reduziram a educação a ensino, e este como prestação de serviços para permitir projetos de escolas privadas sem amarras do Estado e a transferência dos recursos financeiros públicos para essas escolas por meio de *vouchers*. Como se pode perceber, a economia cresce, mais os direitos dos trabalhadores diminuem e a desigualdade social aumenta. Isso atinge, drasticamente

e de forma equânime em ascensão, toda a classe trabalhadora mundial. Com isso, a fome e a miséria são consequências, a insegurança alimentar e social, proporcionalmente aumentam a vulnerabilidade social, apesar dos significativos avanços das forças produtivas, mas, infelizmente, estas estão a serviço das demandas do mercado e não das necessidades sociais.

15. Além dessa agenda de retirada dos direitos sociais e trabalhistas, o capitalismo neoliberal tenta abocanhar toda a riqueza pertencente à sociedade por meio da privatização de tudo. Com a ideologia de que o privado é mais eficiente para a gestão - Não é isso que se observa! O Sistema Único de Saúde (SUS), com infraestrutura e seus profissionais experientes, dão respostas eficientes e importantes no combate às doenças provocadas pelo Covid-19 -, governos assumem essa agenda para privatizar as riquezas sociais deixando populações à míngua mostrando, assim, a contradição entre público e privado. O SUS é considerado uma política pública de maior envergadura em comparação com outros países. Baseado nos princípios que formam o tripé de sua concepção: a universalidade, a integralidade e a equidade faz dele um compromisso social de acesso gratuito por parte do Estado fundamentado no que se defende de direito à dignidade humana. Porém, governos neoliberais, há muito tempo, vêm tratando-o com descaso, não destinando verbas suficientes para sua manutenção e melhoria com objetivo de incentivar os indivíduos a fazerem planos de saúde privados.

16. Atualmente, os governos da maioria das nações do mundo não governam para o povo, mas, sim, para o capital, como se percebe claramente no comportamento do capitão do mato à frente da feitoria. No Brasil, as privatizações das estatais vêm sendo recorrentes seguindo as diretrizes do capitalismo neoliberal. Como aconteceu com a privatização da estatal Vale do Rio Doce, uma das maiores mineradoras do mundo, que foi entregue ao capital estrangeiro pelo então, presidente tucano, que, além dela, transferiu para as mãos privadas, quase de graça, boa parte das riquezas do povo brasileiro. Como o lucro está acima de tudo para o capitalismo, desde a privatização da Vale do Rio Doce, essa vem provocando os maiores desastres ambientais e tragédias humanas na história do nosso país, com os altíssimos números de mortes de trabalhadores e moradores locais, como aconteceu no município de Mariana, em 2015, que provocou a morte de 19 e, em Brumadinho, no ano de 2019, 270 trabalhadores/as perderam suas vidas por negligência e interesse de maior lucratividade por parte de administradores e acionistas da Mineradora. A privatização também acontece no setor de serviços, como a educação, saúde, água - água potável deveria estar nas torneiras e não em garrafas -, esgoto, presídios, estradas, florestas, parques, a privatização, também, da reprodução dos alimentos, como as sementes transgênicas que submetem agricultores aos domínios das indústrias, etc., bem como o que foi alvo de ação do Golpe de 2016, a privatização da Petrobrás para entregá-la às petroleiras estadunidenses, entregando-a para agradar o colonizador. Como acontece, atualmente, o ataque do atual governo do EUA à Venezuela, que também quer se apropriar do petróleo - principal riqueza do

país vizinho -, com a ajuda do feitor brasileiro, utilizando-se de divulgação de *fake news* (informações falsas) ao mundo. *Trata-se, assim, da pandemia da privatização das riquezas que pertence à sociedade.* O modelo de administração privada dos meios de produção para auferir lucros leva, conseqüentemente, à acumulação e centralização das riquezas socialmente produzidas e não a uma economia voltada para atender necessidades sociais. Com isso, a desigualdade social é a consequência e se torna uma ampla pandemia em escala mundial. Diante da sua globalização econômica, podemos afirmar, sem sombras de dúvidas, que o *capitalismo é pandêmico* por provocar diversas pandemias de caráter econômico, biológico, social, cultural e ambiental em todas as nações, convergindo no que se vem convencendo de *produção destrutiva* de dimensão mundial e, assim, deixando *transparecer sua crise estrutural e não mais conjuntural como ocorria durante sua trajetória expansionista.*

17. Nessa fase da sua produção destrutiva, *há o importante papel do Estado que contribui para manter a lucratividade* capitalista, como vimos por meio da flexibilização dos direitos trabalhistas para aumentar a exploração dos trabalhadores, sendo legalizada pelo governo, parlamentares e poder judiciário. Para recompor e manter sua taxa de lucratividade (mais-valor), a saída adotada pelos governos e políticos defensores do sistema é a retirada de todos os direitos sociais, trabalhistas e humanos conquistados durante o seu processo histórico, deixando os trabalhadores à própria sorte (empreendedorismo, pejetização, autônomos, etc). Além dessa ofensiva do capital, com a mediação do Estado sobre o trabalho, há, também, outro tipo de ação para manter sua lucratividade por meio da *estratégia da obsolescência programada das mercadorias de dois tipos, quanto à sua durabilidade funcional e da estética das mercadorias*, para fazer com que o ideal de felicidade dos cidadãos não seja o consumo, mas sim o consumismo. Por que disso? Com a precarização dos empregos e os índices ascendentes de desemprego e baixos salários, muitos trabalhadores são excluídos do consumo, diminuindo, assim, seus acessos a ele. Então, a alternativa encontrada pelas empresas foi a da diminuição do tempo de durabilidade da mercadoria e de sua moda, fazendo com que uma parcela, ainda em condições financeiras de aquisição, continue comprando, porém, com mais velocidade, aumentando a rotatividade do consumismo das mercadorias. Dessa forma, a intensidade da degradação ambiental aumenta e a poluição e o aquecimento global são suas conseqüências imediatas. Já perceberam quantas lojas vendem bugigangas fúteis e que não duram nada? Basta ver-se a durabilidade dos eletrodomésticos e o conserto, quando necessário, torna-se mais caro do que a compra de um novo. Quanto à estética, a indústria da moda está sempre estimulando o *démodé* para que novos produtos sejam adquiridos. A natureza não aguenta essa degradação dos seus recursos materiais, que não permitem sua recomposição, e isso impacta diretamente no meio ambiente, poluindo a atmosfera, a água e os recursos essenciais comprometendo a sobrevivência humana, a fauna e a flora.

18. Além dessa estratégia da obsolescência planejada das mercadorias, outra é adotada nesse viés de produção destrutiva do capital. Há muito tempo, governos dos EUA adotam outra estratégia para manter seu poderio econômico e contam com outros aliados: é a *estratégia da guerra associada à indústria bélica*. Provocam guerras para usarem suas armas para a destruição e, depois, suas empreiteiras reconstroem os países combatidos, exemplo emblemático disso, foi à ação contra o Iraque. Atualmente, esse país ameaça, da mesma forma, a Venezuela, o Irã e a Coreia do Norte por interesses econômicos e político de dominação. Os governos dos EUA utilizam-se de diversas manobras e narrativas para persuadirem a opinião pública mundial, escamoteando os verdadeiros interesses econômicos que estão por trás. Como foram, também, as duas grandes guerras mundiais por interesses de impérios econômicos acobertados por discursos ideológicos políticos, culturais e religiosos. Portanto, as ameaças que afligem a humanidade estão, também, no armamentismo defendido por governantes irresponsáveis, como o feitor, no Brasil, que estimula o armamento da população para beneficiar as indústrias bélicas, e os que atacam a produção de bombas nucleares e de outros tipos, que podem extinguir a população mundial, como as utilizadas em Hiroshima e Nagasaki que dizimaram toda a população dessas cidades do Japão e, até hoje, os índices de contaminação dessas regiões ainda provocam infortúnios sociais e doenças cancerígenas. Assim, como foi, também, a ofensiva imperialista dos EUA contra o Vietnã. Utilizaram-se de arma bacteriológica, como o desfolhante denunciado ao mundo na época, que prejudicou as florestas vietnamitas e a população autóctone. Esses agentes químicos, logo em seguida, foram utilizados como herbicidas na chamada Revolução Verde na agricultura. Desde então, vêm envenenando a alimentação humana e animal, mares, ares e rios comprometendo a saúde dos agricultores e consumidores por meio da conhecida indústria dos agronegócios.

19. Além dessas estratégias econômicas, há o *importante papel político do Estado liberal exigido pelos capitalistas, que investem nas eleições dos políticos aliados para legitimar o modus operandi do status quo burguês*. As ações estatais são de dois tipos: *do consentimento e da coerção social*. Retirar direitos dos trabalhadores e fazer propaganda ideológica para a manutenção da ordem é papel de um Estado de classe que pertence à classe econômica mais forte, ou seja, seu alinhamento é o de manter ideologicamente o consentimento social por meio de seus aparelhos, legislações, propagandas de mídias corporativas, escolas, universidades, etc. Por outro, o Estado atua, também, por meio de ações coercitivas para manter a ordem utilizando seu aparato policial, judiciário e forças armadas. Diante desse contexto de destrutividade das relações sociais e do que se avançou em termos de civilidade, o Estado age com a função de salvaguardar e continuar legitimando a ordem liberal burguesa capitalista. Sendo assim, *o Estado atua para conter as contestações advindas das insatisfações populares com uso acentuado da sua mão de ferro nos tempos atuais, dessa maneira, projetando-se como uma arquitetura da opressão social*.

20. Diante dessa distopia, vivenciada e experimentada pelo Brasil e a humanidade, o sistema capitalista vem se demonstrando com sua opressão e privação para a maioria da população e se configurando na sua versão mais agressiva e desumana, também, com as pandemias que ele mesmo provoca. Nessa ascensão dos seus efeitos catastróficos, o Estado precisa manter a ordem com seu viés mais autoritário, utilizando-se mais da força para repreender e criminalizar partidos de esquerda, como está sendo o *lawfare* contra o Partido dos Trabalhadores (PT) e outros, hostilizando os movimentos sociais, como os ambientalistas, anticapitalistas, identitários, sem terra, sem teto, estudantil e o sindical que reagem contra a desigualdade social e preconceitos gritantes, contra a degradação da natureza e os *elevadíssimos níveis de desemprego e informalidade que ultrapassam os índices de formalidades contratuais*. Os descuidos dos governos com a população são constantes na forma de agir do Estado, mas ao empresariado e banqueiros destina toda a atenção, como recém declarou o resgatador de escravos à frente da feitoria de que “os empresários no Brasil sofrem muito”. Por outro lado, a economista Maria Lúcia Fattorelli da Auditoria Cidadã da Dívida, há tempo, vem denunciando que governos destinam altos percentuais no orçamento anual geral da União para pagamento de juros da dívida pública aos banqueiros, isto é, ao capital financeiro. No Brasil, segundo ela, esses percentuais aproximam-se dos 50% do Orçamento da União, restando muito pouco para investir em políticas públicas que atendam as necessidades da sociedade. Com governos que atuam em favor do capital e não da sociedade, isso indica que a ênfase dada à repressão por parte do Estado para conter é sintoma de que *o poder liberal-burguês, que se apropria da riqueza social produzida e os conflitos que isso gera, emite sinais de que está tendo dificuldades de manter o consentimento social. Assim, essas atitudes coercitivas se tornam, por sua vez, a opção do totalitarismo do Estado, através do autoritarismo neofascista de governantes para conter contestações diante dos problemas sociais que se avolumam no contexto da crise estrutural do capital em curso*.

21. Nesse contexto mundial de produção destrutiva, na revelação de seus antagonismos estruturais entre capital e trabalho e este com a natureza, desencadeiam-se movimentos antissistêmicos e ambientalistas que denunciam as consequentes mazelas sociais e ambientais. Da outra parte, uma *ofensiva reacionária de caráter transnacional conservadora e de feição neofascista* têm conquistado governos centrais e assentos em parlamentos que recrudescem o discurso ideológico de extrema-direita a favor do mercado, pouco se importando com a sociedade e, descaradamente defendendo ditaduras e o poder coercitivo por meio do totalitarismo de Estado. Governos e movimentos adeptos dessa ideologia neofascista existem nos Estados Unidos, Ucrânia, Hungria, Israel e no Brasil. Aqui, há, também, parlamentares em âmbito municipal, estadual e federal. Essas lideranças de extrema-direita, para não prejudicar os negócios capitalistas, diferente de lideranças de outras orientações ideológicas, se posicionam contrariamente às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) de isolamento social e, também, negligenciam a quarentena indicada para evitar a sobrecarga do sistema de saúde com o objetivo

de retardar o contágio da pandemia do Covid-19. Nesses países que não seguem deliberadamente as recomendações científicas da OMS, o número de contaminados e mortes já indicam índices superiores, comparativamente aos países que adotaram tais medidas preventivas com a campanha “Fica em casa”. O Brasil adota apenas parcialmente as orientações da OMS, por iniciativa de alguns governadores dos Estados e prefeitos municipais, confrontando o feitor que se posiciona contrariamente às recomendações daquela instituição internacional e ainda estimula sua matilha a se manifestar em carreatas com a campanha de que o “O Brasil não pode parar”.

22. Nessa fase de globalização total do capital, o capitalismo se torna mais agressivo, com intuito de manter sua lucratividade, e exige do Estado tempo integral de atuação a seu favor e descompromissado socialmente. Para priorizar e defender os negócios dos capitalistas, uma *cultura política constituída de neoconservadorismo político de cunho neofascista, neopentecostalismo religioso e o neoliberalismo econômico, agora, com mais um aliado, o neocoronavírus, esses convergem num front burguês que impacta a sociedade humana e que contribuem para a extinção de contingentes populacionais em diversas regiões do planeta entrelaçadas por diversas pandemias como as que aqui foram relacionadas*. Dessa forma, regride-se no pouco que se avançou em direitos humanos, sociais e trabalhistas e no que se progrediu no processo civilizacional e na cultura humana universal. Analogamente ao papel histórico que outrora tiveram as instituições religiosas que desrespeitaram a profissão de fé dos indivíduos, podemos comparar a contribuição do cristianismo para a expansão do Império Romano, o catolicismo para a expansão do colonialismo, o protestantismo para a expansão do capitalismo com a nova cultura do trabalho exigida e, nos tempos atuais, o neopentecostalismo para a acumulação do capitalismo neoliberal. Alguns pastores e padres convencem fiéis a votarem em políticos pseudo-religiosos, conservadores de direita e extrema-direita que, depois de eleitos, contribuem para a retirada dos seus direitos. Com essa prática, é bom refletir-se sobre o discurso ideológico religioso, narrado por esses políticos, sobre Deus acima de tudo, bem como família e pátria. Como se sabe, esse discurso é utilizado como forma ideológica de propaganda política para ludibriar a boa fé e alienar os indivíduos. Esses fundamentalistas defensores do Capital se revelam com os piores adjetivos humanos e, mesmo com a consolidação das instituições republicanas, essas se tornam incapazes de conter avanços dessas aberrações por também fazerem parte do seu projeto de perpetuação no poder. Com discurso nacionalista, patriota e religioso tosco e falacioso enganam eleitores dissimulando as verdadeiras causas dos problemas sociais. Assim, políticos dessa linhagem ilustram seus discursos com xenofobia, misoginia, preconceitos de todos os níveis (culturais, étnicos, sexistas, classistas), intolerância religiosa em relação a outros credos e com apologia à ditadura, se tornando essas manifestações ignóbeis recorrentemente utilizadas pelo capitão do mato à frente da feitoria, configurando seu mandato numa *oclocracia* (governo da ralé).

23. No Brasil, a recente manifestação desse feitor que tenta recapturar os escravos para continuar a espoliação pelo trabalho nesse contexto do acometimento da pandemia do novo coronavírus, é uma clara demonstração ideológica a serviço dos capitalistas, a todo custo, mesmo que isso se transforme em mortalidade geral como se presencia hoje. Sem escrúpulo e o lucro acima de tudo, e o deus mercado acima de todos, demonstra a reação ideológica burguesa para manter a ordem econômica, o *modus operandi* do capital. Como se vê na apresentação de inúmeras dificuldades por parte dele para liberar auxílio financeiro aos desempregados e autônomos que não podem continuar trabalhando devido o isolamento social, mas, ao mesmo tempo, bilhão de reais do dinheiro público é imediatamente transferido para banqueiros e grandes empresários sem nenhuma dificuldade. A alternativa que está posta aos trabalhadores diante da postura do feitor que, analogamente age como capitão do mato para fazer com que os trabalhadores retornem ao trabalho para dar continuidade ao lucro dos capitalistas, como outrora trataram os escravos na Guerra do Paraguai: como bucha de canhão! Aqueles tinham que optar morrer na defesa de seus algozes ou pela exaustão do trabalho imposto, como igualmente está posto nos dias de hoje aos trabalhadores que devem escolher entre morrer contaminado pelo vírus ou de fome.

24. Nessas vicissitudes que se observa, e o caos que tende a se aprofundar no presente momento e, durante o acometimento desta pandemia e após, surge uma grande oportunidade para os trabalhadores refletirem sobre sua condição humana e social. Ao invés de dedicarem tanto tempo de suas vidas para discutir futebol e novelas que pouco contribuem para melhorar seu bem estar e de sua família, deveriam aproveitar o momento desta educação política que a realidade social nos impõe para debater as verdadeiras causas que afligem a si, sua família e a maioria da população, tais como as pandemias aqui citadas, o desemprego, a exclusão social, a necessidade de ampliar a rede pública de saúde e educação, por exemplo. Quando falta atendimento médico, creche para seu filho e não tem vacina para combater epidemias virais não são esses jogadores de futebol, que ganham milhões por ano, por exemplo, que ajudarão resolver tais problemas sociais, mais, sim, os profissionais da saúde, professores, pesquisadores e cientistas. Portanto, os valores sociais dados aos profissionais estão invertidos!

25. Nessa configuração do *Império de Classe do Capital* que tem como imperadores os personificadores do capital (empresários, banqueiros, acionistas, ceo's e políticos defensores), empoderados por meio de grandes corporações industriais, comerciais e financeiras, esses formam monopólios econômicos que dominam os poderes políticos nacionais e as instituições mundiais constituídas que decidem os destinos humanos. Junta-se a esses, o poder corporativo midiático (proprietários e profissionais da imprensa alinhados) para produzir consenso com a propagação de suas ideologias para reprodução social, principalmente, com influenciadores políticos de direita e extrema-direita pró-mercado organizados em *think thanks*. O poder decisório e financeiro dos monopólios capitalistas sobrepõe

aos Estados Nacionais que, por sua vez, tornam refém das suas decisões as respectivas populações e a humanidade no seu conjunto. Por meio de propagandas e dos aparelhos ideológicos do Estado, contam, também, com parcelas de professores de escolas, faculdades e universidades que influenciam alunos e reproduzem, ideologicamente, o *modus operandi* do *status quo* econômico-liberal burguês. Entretanto, mesmo diante desses impasses a que estamos submetidos, lembre-se que a sociedade é dinâmica, e, a nosso favor, invoco o grande filósofo italiano, Antônio Gramsci, muito conhecido por sua grande contribuição às ciências sociais e, nesses tempos, sendo acusado pela extrema-direita de ser o responsável pelo marxismo cultural. Dele, trago sua famosa frase “pessimismo da razão, otimismo da vontade”, para nos estimular nesses tempos obscuros. Afinal, como nos ensina a História, império é assim, um dia nasce, noutro se expande e depois morre.

26. Outro aspecto relevante a se destacar, nesse contexto do capitalismo globalizado e a pandemia do Covid-19, que resulta nesse impacto global do capitalismo contra a humanidade, configura-se em um perigo de altíssima importância que implica diretamente nos destinos humanos e no futuro da humanidade. Como nos alertou István Mészáros, estamos diante da *incontrolabilidade do sistema do capital*. O capital se tornou incontrolável e perigoso porque se desvencilhou do controle social, isto é, do poder público da sociedade. Assim, o capital está livre para explorar os trabalhadores e degradar o meio ambiente em qualquer parte do mundo sem as amarras do Estado Nação, com a flexibilização das leis do trabalho, da abertura econômica, e sem constrangimentos por parte de acordos firmados pelas instituições multilaterais que pouco surtem efeitos, como ONU, OIT, OMS, OMC, FMI e BM. Essas instituições mundiais quase sempre sucumbem diante do poder das grandes corporações econômicas transnacionais que elegem seus representantes políticos, governos e parlamentares nos Estados Nacionais e esses hegemonomizam as decisões também dessas instituições mundiais. Portanto, *o poder econômico se transforma em poder político dominando a estrutura do Estado-nação e dessas instituições multilaterais e este, por sua vez, domina a sociedade*. Sendo assim, as leis do mercado e do livre comércio mundial estão sem controles sociais, esse é o grande perigo que afronta a humanidade. Nesse *status do poder econômico mundial sobre o político*, as decisões de interesse capitalista sobrepõem-se, na maioria das vezes, sobre os interesses sociais, com isso o poder público de deliberações se torna refém do privado, ou seja, *a política foi privatizada!*

27. Essa incontrolabilidade dos capitalistas por parte do controle social é facilmente observado tendo como exemplo os tratados de preservação do meio ambiente, onde os acordos multilaterais não passam de protocolos diplomáticos sem efeito prático. Esses acordos não se efetivam na prática, porque o sistema capitalista não pensa o futuro, suas *commodities* externalizam os custos de produção e a lógica, que acumula riquezas, baseia-se no produtivismo como fonte de extração de mais-valia. Com a globalização econômica, a concorrência do comércio mundial se torna mais agressiva e aumentam os desentendimentos entre os países-membros das

instituições internacionais em decorrência do protecionismo, que cada governo estabelece, para proteger sua economia nacional. Entretanto, nessa sua fase de produção destrutiva na qual se perde o controle por meio das instituições nacionais e internacionais, esses protocolos não passam de tentativas infrutíferas de controle social sobre o capital e o *desenvolvimento sustentável, defendido pelos reformistas, não passa de uma ilusão*. Assim, as assinaturas, meramente protocolais desses acordos, objetivam manter o consentimento social pelo recado que dão à sociedade de que iniciativas estão sendo tomadas e de que é possível controlar o sistema no âmbito dessas instituições multilaterais, por meio da diplomacia internacional. De fato, isso não acontece! A pandemia da destruição do meio ambiente que, há muito vem sendo denunciada, mesmo com esses acordos multilaterais, assinados pela maioria dos países membros da ONU, são incapazes de conter o avanço do aquecimento global e a poluição continua desencadeando doenças e mortes mundo afora, inclusive agora que é comprovado por especialistas de que a causa da aceleração das mutações virais, que se tornam impossíveis de serem controladas, é decorrente desse aquecimento global denunciado.

28. Diante dessa parada obrigatória imposta pela Covid-19, a humanidade está emparedada! Assim, fazem-se necessárias algumas reflexões sobre o que está ocorrendo com nossas vidas, sobre a sociedade em que vivemos, os destinos humanos, a vida em sociedade, ou seja, sobre o futuro da humanidade. Mas, antes disso, podemos começar nos perguntando por que a pandemia provocada pela novo coronavírus impacta tão fortemente governantes e autoridades de nações do mundo a ponto de parar, pela primeira vez na história, a produção econômica e comprometer os negócios capitalistas globalmente? Talvez, a hipótese mais provável com a preocupação dessas lideranças mundiais é a de que *a contaminação pela Covid-19 não possui seletividade social, portanto, não tem classe*. Isso significa que seu potencial de contaminação ameaça a todos. Portanto, todos estão sujeitos a sofrerem sequelas ou até mesmo vir a óbito, como vem ocorrendo no Brasil e no mundo. Entretanto, sabemos que a desigualdade de classes se dá no acesso a tratamentos como se observam nas periferias das cidades, principalmente em favelas cujos moradores se tornam mais vulneráveis, assim como as comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais. A sociedade, ou seja, a humanidade como todo vê diante de si o aniquilamento da existência real sentindo-se frágil e, sem poder de controle, de um inimigo em comum que, não só nos ameaça, mais que, de fato, está tirando a vida de filhos, parentes, amigos, vizinhos e grande parcela da coletividade humana. Portanto, não se traduz em só mais uma ameaça, a humanidade se vê impactada pelas forças por ela mesma engendradas, ou seja, as forças do poderio econômico de uma pequena parcela de capitalistas e políticos defensores que comandam os destinos humanos e que conduzem, implacavelmente e inexoravelmente, a maioria da sociedade para o colapso total, para o abismo e à morte.

29. O vírus contamina governos, lideranças políticas, países, ricos, elites, patrões, apesar de que esses terão melhor acesso ao tratamento *e aí é que se*

manifesta a desigualdade de classe que se dá na diferença do acesso ao tratamento adequado para o restabelecimento da saúde. Quem tem mais poder econômico, melhor será tratado, diferentemente daqueles que esperam em filas da rede pública, há muito tempo sendo precarizada por esses mesmos governos que priorizam o capital. Além disso, outro aspecto a se destacar é do desconhecimento de especialistas diante da resistência da Covid-19, ou seja, esse desconhecimento da comunidade científica internacional de combatê-lo devido sua resiliência e a rapidez de sua mutação. Há um terceiro elemento, essa pandemia tem *um caráter revelador, denuncia o capitalismo em sua escalada neoliberal mais destrutiva como sendo nefasto para a sociedade,* como podemos ver nos países que adotaram o neoliberalismo como macropolítica econômica os resultados de acometimentos estão sendo ainda mais assustadores (EUA, Reino Unido, Espanha, França, Itália, Equador, Chile, Brasil, alguns países do Oriente, etc). O descaso desses governos com a saúde pública, investimento em rede de pesquisa e hospitalar pública tem dificultado o atendimento da grande demanda social que esse vírus provoca.

30. Diante desse impacto, dessa vulnerabilidade que se encontra a humanidade com o progresso econômico destrutivo que gerou, que põe em xeque a existência humana, tanto desta geração que sofre atualmente a virulência da Covid-19, como das futuras gerações, avalia-se que seja o momento de os indivíduos pensarem sobre o presente e o futuro da humanidade. Disso, surgem diversas indagações, tal como: o objetivo da economia é para atender somente uma parcela ou classe social ou toda a sociedade? Quem deve decidir sobre os destinos humanos, são os capitalistas, teremos aí *o poder do capital (capitalcracia), ou o povo, o poder da população (democracia)?*

31. Quando falo aqui em destinos humanos, vejo dois destinos em curso: o destino que estamos trilhando da barbárie social e a pandemia do novo coronavírus é um dos seus reflexos, ou o destino que deva nos levar e avançar no processo civilizacional. Esta segunda opção é tarefa da classe trabalhadora, que se compõe dos verdadeiros produtores sociais, que deve ter como objetivo a mudança social qualitativa. Portanto, essa mudança não cabe aos capitalistas, porque esses nunca abrirão mão de seus lucros e privilégios. O capitalismo que precisa ser suplantado por outra economia política que deva ser a base da sociedade futura. Ressalte-se, o que se tem de conhecimento para a produção de alimentos e de outras necessidades, as forças produtivas sociais disponíveis são suficientes para vivermos em igualdade de condição. O melhor destino humano, quem deve decidir é a democracia, o poder dos trabalhadores e não dos capitalistas. Portanto, a autogestão social da produção e da política deve estar no espaço público de deliberações. Decidir pela autogestão social é uma decisão política da classe trabalhadora que sofre, há séculos, as consequências da acumulação e centralização da riqueza social. Os capitalistas não são necessários à sociedade. Portanto, é o todo social que precisa ser questionado e mudado!

32. Esse isolamento social, ou o confinamento com a própria família, essa parada obrigatória poderá ser um importante momento de avaliação de nossas vidas

e de refortalecimento dos laços sociais perdidos pelo individualismo estimulado, tratando-se de uma boa oportunidade para os trabalhadores avaliarem a maneira como estão se relacionando diante desse obscurantismo que vivenciamos em nosso país, quando o capitão do mato age deliberadamente somente a favor do capital, se manifesta como se tivesse no período medieval, num negacionismo científico que utiliza a “revelação” bíblica como fonte de sua ignorância e o terraplanismo que fere suscetibilidades científicas. Declaradamente, aliado dos capitalistas e submisso às orientações do governo da metrópole estadunidense, o feitor e seus seguidores defendem que o “Brasil não pode parar”, mesmo que os trabalhadores morram contaminados, assim, a economia para ele, não poderia ser diferente, é mais importante que a pessoa humana. Os capitalistas e seus seguidores, que vivem no luxo permanente, pressionam governos e autoridades para acabar com o isolamento e voltar à produção e ao comércio para eles continuarem tendo seus lucros. Eles organizam manifestações em carrões e, enquanto os verdadeiros produtores sociais, na sua maioria, não tem acesso ao básico para a sua sobrevivência e de sua família.

33. As vozes hegemônicas dizem-no que devemos estudar cada vez mais, e o tempo de trabalho aumenta ocupando o dia todo, seja em dois ou mais postos de trabalho para manutenção material de nossa existência. Elas dizem que devemos ser proativos e empreendedores e, para sermos bem sucedidos, precisamos estar sempre atualizados. Enfim, é uma séria de narrativas que mantém os indivíduos ocupados, alienados e sem o tempo de reflexão. Aliás, esse corre-corre é para que os trabalhadores(as) fiquem anestesiados e não parem para pensar, encontrar-se com os familiares e amigos nem mesmo nos fins de semana. Pensar é um ato subversivo! E isso não interessa aos defensores da ordem! Com o isolamento social imposto, espera-se que isso fará com que as pessoas reflitam sobre o cotidiano social, seus reflexos na família, no seu bem estar, nos dias estressantes a que a maioria está submetida no trabalho que adentra o tecido social e toma o maior tempo de nossa existência individual. Além disso, valia-se que é um momento importante, também, para uma reeducação alimentar, para reaprendermos, em casa, a fazermos as próprias comidas e ensinarmos aos filhos a não consumirem alimentos industrializados, contaminados de insumos cancerígenos e provocadores de inúmeras doenças. Se continuarmos nessa maneira de produzir, o isolamento social será uma constante em nossas vidas, porque as pandemias capitalistas continuarão nos contaminando, assim como, todo o meio ambiente social, cultural e natural.

34. Diante desse impacto global que a humanidade se encontra enfrentando o colapso e tentando evitar seu aniquilamento, mesmo tendo avançado significativamente nos conhecimentos humanos: ciências, tecnologias, técnicas e habilidades cognitivas e manuais, conjunto esse que forma as forças produtivas sociais, a Covid-19 impõe desafios humanos e que merecem atenção e decisões de profunda grandeza. Vendo assim, afirma-se que *a humanidade está diante de uma bifurcação social* e deverá decidir se continuará permitindo que os capitalistas decidam os destinos humanos, que nos faz permanecer no caminho da barbárie

social com a desigualdade social e a degradação ambiental crescentes (poluição, aquecimento global, extinção de várias espécies da flora e fauna, queimadas e derrubadas de florestas que contribuem para as mutações virais), ou vai optar em trazer para si a decisão democrática de decidir o seu futuro, quando poderá escolher outra estrada que conduzirá à emancipação social e política. Lembre-se que esse vírus não atinge mais somente a população de uma nação, nem um determinado continente e território, mas, sim, toda a humanidade. Isso impõe a todos fazer uma reflexão sobre o caminho que estamos trilhando e a maneira como estamos decidindo nossos futuros, haja vista que as consequências dessas decisões atuais estão sendo nefastas e tem consequências, não só para gerações futuras, mas para geração atual que sofre a virulência da Covid-19 e de outras pandemias descritas. Como se pode constatar, o progresso econômico desse modelo, não se traduz em progresso humano, mas, no seu contrário, na destruição social e no afastamento do homem da natureza (falha metabólica) que é nossa casa e devemos reaprender a administrá-la (ecologia: *eco* = casa, *logia* = administração, estudo).

35. Como fontes bibliográficas para esta análise científica no campo da sociologia política, utilizei-me das importantes contribuições teóricas das incomparáveis obras do filósofo alemão Karl Marx, particularmente *O Capital: crítica da economia política*, e da obra *Para além do capital* do filósofo húngaro István Mészáros.

36. Finalizando, destacam-se alguns aspectos, outros virão com os debates que aqui quero incentivá-los, com intuito de contribuir para uma análise sobre o projeto humano ou a trajetória humana rumo a um novo processo civilizacional baseado noutros princípios e que interrompa a crescente desigualdade social e a degradação ambiental em curso.

37. As ciências e as tecnologias a serviço da guerra, ou da produção destrutiva do capitalismo, degradam a condição e a existência humana. O uso de matrizes energéticas de origem fóssil, como o petróleo, ou uso da energia nuclear que é altamente destrutiva, como ocorreu em Chernobyl, precisam ser substituídas. Isso requer pensarmos nova matriz tecnológica, estudos e investigações científicas baseados no paradigma epistemológico histórico e dialético, como um modelo de conhecimento que prioriza o sociometabolismo entre o homem e a natureza sem a intromissão do capital e a serviço do progresso civilizacional.

38. O uso racional dos recursos da natureza para uma boa economia que atenda a todos segundo suas necessidades e não segundo seu trabalho, uma vez que esse tempo de trabalho precisa ser reduzido e não ampliado como se presencia, apesar dos avanços tecnológicos. Uso dos recursos naturais com o tempo para sua recomposição. Vivemos a produção destrutiva nos seus vários aspectos que hoje resulta na poluição dos rios, dos mares, oceanos e a água potável tende a desaparecer e está sendo engarrafa para o lucro dos capitalistas. Água potável deve

estar nas torneiras de todos, por se tratar de um patrimônio universal humano essencial à vida, portanto, não pode ser tratada como mercadoria.

39. Quando escrevo democracia, não é essa democracia representativa liberal-burguesa que não é democracia no seu sentido qualitativo, essa é uma pseudodemocracia. Ela não representa verdadeiramente o povo, mas, sim, interesses do capital, comercial, industrial e, hoje, fortemente o capital financeiro. Facilmente, podemos perceber como se compõe a representação dos interesses desses capitais constituída em bancadas políticas que atua organizadamente no congresso nacional para aprovarem leis que favorecem seus negócios (bancada da bala, do agronegócio, dos banqueiros, da saúde privada, da educação privada, da bíblia, etc.). Por isso, presenciamos os representantes deles agirem para impedir o isolamento social para não prejudicar a continuidade das suas lucratividades econômicas, mesmo que isso ponha em risco de morte parcela significativa da classe trabalhadora. Falo de uma democracia da participação direta dos indivíduos cooperados na autogestão social da produção e na tomada de decisões políticas que dizem respeito a toda coletividade.

40. A necessidade de uma educação e os estudos formais, escolares e acadêmicos universitários que preparem os alunos para conviverem em sociedade e não uma educação para o mercado. Essa *educação precisa ser omnilateral* para oportunizar o desenvolvimento de todas as capacidades e criatividade cognitivas e potencialidades humanas com novos conteúdos internalizados pelos indivíduos, para propiciarem outro tipo de constituição de suas personalidades, oposta à formação unilateral oferecida para o trabalho alienado da economia capitalista. Os estudos da filosofia, das ciências, das humanidades e das artes são necessários para evolução humana nos seus aspectos cognitivos, científicos, filosóficos, tecnológico e artístico para que a subjetividade humana seja enriquecida com base em princípios das descobertas, estudos e pesquisas com objetivos cultos e nobres na busca da felicidade, igualdade e liberdade geral. Portanto, personalidade não baseada no princípio do consumismo idiotizado e na liberdade e felicidade manipulada pelo poder econômico que degrada o indivíduo, a condição humana e o meio ambiente. Uma nova educação que contribua para agir-se para além desse modelo econômico, um ensino que leve a novas experiências de formação omnilateral para vida em sociedade e não para o mercado, ou seja, uma educação para emancipação social e política.

41. Diante disso, há a necessidade de um novo modo de produção e de civilização, que passa longe dessa aventura destrutiva capitalista, mas na necessária autogestão social que implica decisões sobre a produção econômica e política da sociedade humana. *A sociedade é a humanidade!* Nacionalismos são modos tolos de enganação do povo e nenhum homem ou mulher deve ter fronteiras. Ao decidirmos, decide-se para o bem comum de toda a humanidade. Vivemos num mundo único, um único planeta e numa única atmosfera - poluindo nos EUA ou na China, igualmente compromete toda a humanidade -, com culturas ricas e diferenciadas, que não podem ser tratadas como desiguais, de diversos povos que compõem o universo

humano. Diante dessas reflexões, o que nos resta é *a autogestão social e o princípio de cada qual segundo sua necessidade e não segundo seu trabalho.*

42. Se não alterarmos essa aventura, condomínios fechados não conterão as ameaças aos mais abastados, ou seja, liberdade e felicidade só se realizam enquanto um bem coletivo. O capitalismo se tornou um entrave para a humanidade! Ele nos conduz ao aniquilamento e não ao desenvolvimento do processo civilizacional. Portanto, o progresso conquistado, desde seu início, chega ao momento de que seus mecanismos se tornam um atraso para o processo de humanização. Hoje, trilhamos o caminho da barbárie social. Assim, como ocorreu em outros momentos da humanidade, e a história nos ensina isso, um determinado império se impõe, se desenvolve e depois entra em processo de degradação devido às contradições sociais que ele engendra e a classe social, mais atingida, toma as rédeas da necessária superação. Neste momento, o Império de Classe do Capital aciona seus mecanismos de destruição, tudo que se avançou até agora em algumas regiões do mundo, com esse seu processo destrutivo aciona os mecanismos de destruição das relações sociais por meio da desigualdade social que provoca, gerando violências urbanas e os avanços da produção destrutiva da natureza e da existência social. Esses mecanismos já existiam desde sua origem, porém, eles só se tornaram perceptivos com seu processo de globalização total. Nesse processo de globalização, agora o Capital revela o que escondeu durante seu processo histórico de ascensão e expansão, e, também, deixa transparecer todos os seus antagonismos sociais entre o capital e o trabalho.

43. A sociedade não precisa de capitalistas. Trata-se de uma classe parasitária e eles vivem confortáveis, na gastança e no consumo conspícuo. Por isso, o desespero deles para que os trabalhadores voltem ao trabalho, enquanto que os verdadeiros produtores que são os trabalhadores, aqueles que põem a mão na massa, produzem alimentos, descem minas, põe tijolo por tijolo e constroem casas e edifícios, atuam na saúde, na educação e estão nos trabalhos perigosos e insalubres e não recebem o suficiente para manter a si e sua família, e nem ter acesso qualificado à moradia, à saúde, à educação e à cultura. O capitalismo é uma aberração social! Se desse certo, como eles divulgam e defendem, não teríamos favelas que se ampliam diuturnamente nas periferias das cidades. Se fosse uma economia que atendesse as necessidades da sociedade e não demandas do mercado, não haveriam pobres e ricos.

44. Finalizando, *com esse impacto global provocado por estas pandemias, a humanidade está diante de uma bifurcação social e a escolha entre o caminho a seguir é urgente e necessária: Direita ou esquerda?, ou seja, Capitalismo ou Humanidade?* Com essa experiência histórica, que é a fonte do seu próprio conhecimento, a humanidade, por meio da classe trabalhadora que compõe a sua maioria, deve decidir se vai continuar trilhando o caminho à direita, com a desigualdade e insegurança social crescente, a degradação ambiental sendo aprofundada, com inúmeras pandemias que aumentam e assolam, cada vez mais, a maioria da população, assim, nos mantendo na barbárie social e comprometendo o

processo civilizacional, ou se tomar uma importante decisão de mudança de rumo, enquanto há tempo. Essa mudança implica na escolha da estrada à esquerda dessa bifurcação, fazendo com que os trabalhadores, como verdadeiros produtores sociais, assumam a decisão pelos novos destinos humanos para por fim na sociedade dividida em classes sociais e na propriedade privada dos meios de produção, que são as causas sociais do sofrimento humano. E, também, por a economia a serviço da sociedade, com o controle social por meio da autogestão para que se saia do reino da necessidade e conquiste o reino da liberdade com a emancipação social e política. Avalio que essa deva ser a nossa tarefa enquanto trabalhadores! Para isso, uma educação política que contribua para uma melhor organização e enfrentamento de classe é importante e necessária, principalmente nos dias atuais que sofremos com a pandemia da Covid-19, e com a recessão econômica em curso e que se agravará no pós-pandemia, tenderá a prejudicar, ainda mais, os trabalhadores nesta situação de vulnerabilidade social. Assim, é a pretensão desse texto, de contribuir teoricamente para uma análise das causas dos antagonismos sociais existentes e que precisam urgentemente ser superados, necessariamente os trabalhadores deverão ser os protagonistas políticos desta transformação, como sugeriram Marx e Engels.